

O PROCESSO DE SUBLIMAÇÃO E A LITERATURA: (SOBRE)VIVER EM CLARICE LISPECTOR¹

THE SUBLIMATION PROCESS AND LITERATURE: (SUR)LIVING IN CLARICE LISPECTOR

Bruna Oliveira Neis²

RESUMO

O presente estudo investiga o processo de sublimação sob a ótica psicanalítica, tomando como referência a obra literária de Clarice Lispector. O estudo busca responder à questão: De que modo opera o processo de sublimação, segundo a perspectiva psicanalítica, na literatura de Clarice Lispector? O objetivo principal é compreender as operações desse processo na criação artística, explorando suas especificidades na literatura. Adotou-se o método de ensaio teórico, baseado em análise crítica e reflexiva de textos psicanalíticos e literários. A pesquisa também levanta produções acadêmicas que relacionam sublimação e literatura, discutindo seus efeitos na subjetividade e na cultura. Conclui-se que a escrita literária em Lispector expressa conflitos internos e funciona como espaço simbólico de sublimação, evidenciando seu impacto transformador na elaboração psíquica e cultural.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Sublimação. Psicanálise. Literatura.

ABSTRACT

This study investigates the process of sublimation from a psychoanalytic perspective, using the literary work of Clarice Lispector as a reference. The research seeks to answer the question: How does the process of sublimation operate, according to the psychoanalytic perspective, in the literature of Clarice Lispector? The main objective is to understand the operations of this process in artistic creation, exploring its specificities in literature. The theoretical essay method was employed, based on critical and reflective analysis of psychoanalytic and literary texts. The study also examines academic works that connect sublimation and literature, discussing their effects on subjectivity and culture. It concludes that Lispector's literary writing expresses internal conflicts and functions as a symbolic space of sublimation, demonstrating its transformative impact on both psychic and cultural elaboration.

Keywords: Clarice Lispector. Sublimation. Psychoanalysis. Literature.

¹ Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia desenvolvido no segundo semestre de 2024, sob orientação do Prof. Dr. Cleber Gibbon Ratto.

² Acadêmica do 10º período do Curso de Graduação de Psicologia da Universidade La Salle - UNILASALLE. Contato eletrônico: brunaneis99@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A relação entre a psicanálise e a literatura tem se revelado uma jornada fascinante e profundamente enriquecedora ao longo do tempo. A capacidade de interpretar torna-se tão essencial quanto a prática de escrita, estabelecendo uma conexão entre ambas as áreas ao serem expressas por meio da linguagem (Carvalho, 2023). Essa intersecção não é apenas uma questão acadêmica, é um convite para explorar as profundezas das questões humanas, onde o que não pode ser completamente dito se torna tão significativo quanto aquilo que é explicitamente expresso. (Freud, 1900; Lacan, 1953; Kristeva, 1974).

Diante das concepções psicanalíticas, a interpretação torna-se uma lente que permite a exploração dos conteúdos inconscientes, enquanto a literatura apresenta-se como um campo repleto de expressões subjetivas. Neste cenário, a escolha de Clarice Lispector e suas obras como objeto de investigação justifica-se por sua habilidade única de capturar as intensidades das emoções e dilemas existenciais. Sua escrita enigmática abre espaço para uma nova forma de expressão repleta de significados que transcende o literal. Ao longo de suas obras, Lispector não apenas narra histórias, mas mergulha no interior de seus personagens, revelando medos, angústias e anseios de maneira visceral (Nunes, 2015). Para Lispector, a escrita era uma necessidade vital: *“Escrever é como respirar, faço para sobreviver”* (Lispector, 2011, p.117). Essa afirmação demonstra sua relação com a escrita não sendo um ofício, mas uma forma de se conectar a realidade do mundo e consigo mesma.

Neste contexto, para utilizar a psicanálise como ferramenta de interpretação, é fundamental considerar as contribuições de Sigmund Freud, que elaborou uma série de conceitos almejando compreender o funcionamento da mente humana e relação com a arte. Em seu texto metapsicológico *“As Pulsões e Seus Destinos”* (1915), Freud apresenta a teoria das pulsões, definindo-as como um impulso interno ou força constante que busca satisfação de forma indireta ou direta. Ao longo de sua obra, observou que um dos destinos possíveis pelo qual as pulsões poderiam encontrar vazão, funcionaria como um processo de sublimação principalmente devido às questões morais da cultura impostas ao sujeito durante seu

desenvolvimento (Castiel, 2007). Essa perspectiva nos ajuda a compreender como os conteúdos pulsionais se transformam em expressões criativas, um conceito que se torna particularmente relevante ao analisarmos a obra de Lispector.

Além disso, o conceito de sublimação foi revisitado por outros autores, como Jacques Lacan, que trouxe novas dimensões à discussão ao afirmar que o sujeito está em constante conflito com a falta. A falta não é meramente uma ausência; é fundamental para a constituição do indivíduo, gerando impulso e desejo. Sob a perspectiva lacaniana, o processo sublimatório não se limita ao redirecionamento das pulsões, mas se transforma em um processo criativo pelo qual o sujeito tenta dar formas às suas experiências e emoções, muitas vezes incompreendidas em algo que pode ser compreendido e compartilhado. Esse processo se torna significativo pois a arte é um espaço onde o inconsciente ecoa. Por meio dela, o não dito encontra uma forma de linguagem que pode ser sentida e valorizada por outros (Lacan, 1988)

Assim, o presente trabalho se depara com a vasta problematização: De que modo opera o processo de sublimação, segundo a perspectiva psicanalítica, tomando como exemplo o trabalho literário de Clarice Lispector? Diante deste questionamento, o objetivo geral é compreender, segundo a perspectiva psicanalítica, as operações do processo de sublimação, tomando como referência analítica a literatura de Clarice Lispector. Os objetivos específicos são: 1) Explorar teoricamente o conceito de sublimação na Psicanálise e sua relação com o campo da arte; 2) Delinear especificidades do processo de sublimação na literatura e na criação literária; 3) Inventariar na produção acadêmica trabalhos que relacionem o conceito psicanalítico de sublimação, a literatura e a obra de Clarice Lispector e; 4) Discutir a partir do material produzido, as singularidades do processo sublimatório no campo literário e seus potenciais efeitos sobre a cultura e a subjetividade.

À medida que nos debruçamos em seus textos, somos lembrados do poder da literatura em iluminar sombras do inconsciente, oferecendo uma compreensão mais ampla sobre a vida e especificidades do processo sublimatório. Portanto, ao nos aprofundarmos em Clarice Lispector, não apenas apreciamos a beleza de sua escrita, mas participamos de um diálogo entre o inconsciente e suas formas de expressões na arte.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

O trabalho adotou o método de ensaio teórico, caracterizado pela análise crítica e reflexiva de materiais relevantes sobre o tema em questão. Diferente de outros métodos científicos que exigem um rigor metodológico tradicional, o ensaio teórico valoriza a capacidade de reflexão e interpretação, permitindo uma abordagem mais livre e criativa (Adorno, 1986). Conforme Meneghetti (2011) “o ensaio caracteriza-se pela sua natureza reflexiva e interpretativa, diferente da forma classificatória da ciência” (p. 322), acrescentando:

O ensaio não requer um sistema ou modelo específico, pois seu princípio está nas reflexões em relação aos próprios sistemas ou modelos. Permite a busca por novos enfoques e interação permanente com os próprios princípios da forma. No ensaio, busca-se a construção da forma adequada, mesmo que esta não exista a princípio. Nele, o objeto exerce primazia, mas a subjetividade do ensaísta está permanentemente em interação com ele. A subjetividade é um dos elementos permanente e importante na forma como o ensaio avança como processo de conhecimento. (Meneghetti, 2011, p.322)

Ao considerar o tema deste trabalho, a escolha do método se revela particularmente adequada. O ensaio teórico permite uma exploração reflexiva e aberta sobre a perspectiva psicanalítica do conceito de sublimação e o trabalho de Clarice Lispector.

Como recurso complementar ao ensaio e para atender ao objetivo de inventariar a produção teórica recente sobre o tema, lançamos mão também de uma pequena revisão integrativa de artigos científicos que se ocuparam das relações entre a literatura/obra de Clarice Lispector e a noção psicanalítica de sublimação.

Segundo Souza, Silva e Carvalho (2010, p.104):

A revisão integrativa, finalmente, é a mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado. Combina também dados da literatura teórica e empírica, além de incorporar um vasto leque de propósitos: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, e análise de problemas metodológicos de um tópico particular (Souza; Silva; Carvalho, 2010, p.104)

Para a revisão integrativa, foi eleito como buscador o Google Acadêmico, servindo-nos dos seguintes descritores: "Clarice Lispector", "sublimação",

“psicanálise”, “literatura” e “escrita”, considerando o período de 2019 a 2024. Inicialmente foram levantados 345 títulos. Feita a leitura dos títulos e selecionados apenas artigos científicos diretamente relacionados ao tema, restaram 17 textos para leitura dos resumos. Após a leitura dos resumos, optamos por incluir para estudo na íntegra 8 artigos que estão efetivamente ligados ao objetivo da investigação.

3 EXPLORAÇÃO DO MATERIAL

Estão apresentados no quadro abaixo os 8 artigos que restaram selecionados intencionalmente para leitura e estudo na íntegra, depois de realizado o procedimento de busca descrito na seção anterior.

Quadro 1 - Artigos selecionados

ANO	AUTOR	TÍTULO	PERIÓDICO	BASE
2019	Moraes, D.	<i>O perigo da leitura literária: questões para o campo da psicanálise</i>	Semina: Ciências Sociais e Humanas	Google Acadêmico
2019	Vieira; Lima	<i>Sublimação e a escrita criativa: aproximações com Virginia Woolf</i>	Jornal de Psicanálise	Google Acadêmico
2020	Santos, V.	<i>Do sujeito d'efeito de linguagem ao efeito do poético: psicanálise e linguagem</i>	Trivium: Estudos Interdisciplinares	Google Acadêmico
2021	Rodrigues, Silva, Pereira Et Al.	<i>Intersecção entre literatura e psicanálise: uma abordagem do conto "delírio", de Clarice Lispector</i>	Revista A Margem	Google Acadêmico
2021	Santos, G	<i>Em busca dos significantes que amarram as angústias de Rodrigo S. M. e Macabéa em A hora da estrela, de Clarice Lispector</i>	Revista ibero-americana de humanidades ciências e educação	Google Acadêmico
2021	Ligeiro, V	<i>Testemunhos do vazio: o valor da sublimação na psicanálise</i>	Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental	Google Acadêmico
2022	Santos, E & Bernard, K	<i>Criando o indizível: a escrita ficcional como uma possibilidade de sublimação</i>	Revista Psicologia, Diversidade e Saúde	Google Acadêmico
2023	Ferreira, J	<i>“LISPECTADOR”: Pulsão de morte como pulsão criativa em Um Sopro de Vida</i>	Revista (Entre parênteses)	Google Acadêmico

Fonte: a autora, 2024.

No artigo “*O perigo da leitura literária: questões para o campo da psicanálise*” (2019), foi discutido o conceito de sublimação na psicanálise, com especial atenção à sua relação com a criatividade e a literatura. O texto também investiga a ambivalência da leitura, que pode ser uma experiência tanto enriquecedora quanto prejudicial. A análise da relação entre literatura e psicanálise enfatiza o papel ativo do leitor na interpretação e os efeitos transformadores do envolvimento literário. O objetivo da pesquisa é examinar os efeitos da literatura em relação a essas duas áreas. Para isso, a autora utilizou a metodologia de pesquisa teórica. As conclusões do artigo destacam que a leitura literária pode ter efeitos ambivalentes sobre o leitor, sendo fundamental a participação criativa deste durante a leitura. Essa interação pode gerar diferentes ressonâncias e implicações psicológicas.

Na pesquisa “*Sublimação e a escrita criativa: aproximações com Virginia Woolf*” (2019), é analisada a conexão entre sublimação e escrita criativa, com foco na obra de Virginia Woolf. Através da investigação de biografias, diários e cartas, os autores sustentam que a escrita de Woolf atua como um meio de reconstrução do eu e elaboração de experiências pessoais, convertendo vivências individuais em narrativas universais. A escrita é percebida como um processo de poiesis, que organiza e dá significado à dor, enquanto a visão de Freud sobre o sofrimento humano e a arte é explorada como uma forma de enfrentar a impotência e o mal-estar da modernidade. A arte literária é considerada uma resposta possível ao sofrimento humano, oferecendo um espaço para a elaboração psíquica e a busca por sentido em meio ao caos da experiência individual.

A pesquisa “*Do sujeito d'efeito de linguagem ao efeito do poético: psicanálise e linguagem*” (2020) tem como objetivo demonstrar como o inconsciente se configura como uma forma de linguagem e como essa configuração pode se manifestar em um “efeito poético”. A autora busca investigar a relação entre a psicanálise e a linguagem, enfatizando que o inconsciente não é apenas um reservatório de conteúdos reprimidos, mas sim uma estrutura que se expressa através da linguagem, revelando-se em diferentes formas artísticas e literárias. Para conduzir essa investigação, a autora utilizou a metodologia de pesquisa teórica. Os resultados da pesquisa indicaram que os conteúdos do inconsciente podem ser expressos de

várias maneiras, com a linguagem emergindo como uma via crucial para essa expressão. A pesquisa sugere que tanto poesias quanto leituras literárias e sonhos servem como veículos para o inconsciente se manifestar.

O artigo “*Intersecção entre literatura e psicanálise: uma abordagem do conto 'Delírio', de Clarice Lispector*” (2021) tem como principal objetivo investigar a relevância da relação entre psicanálise e literatura. Os autores utilizam o conto “O Delírio” (1940) de Clarice Lispector como ferramenta para possíveis interpretações. Concluiu-se que existem diversas possibilidades de analisar essa relação, contribuindo para novas interpretações acerca da obra mencionada.

No artigo “*Busca dos significantes que amarram as angústias de Rodrigo S. M. e Macabéa em A Hora da Estrela*” (2021), o objetivo foi analisar, sob uma perspectiva psicanalítica, as angústias de Rodrigo S. M. e da protagonista Macabéa na obra “A Hora da Estrela”, também de Clarice Lispector. A metodologia utilizada foi um levantamento bibliográfico. O autor conclui que as angústias que cercam ambos os personagens se manifestam através de significantes que se tornam identificações importantes.

Em “*Testemunhos do vazio: o valor da sublimação na psicanálise*” (2021), encontra-se como objetivo central a investigação do conceito de sublimação e o vazio, utilizando da metodologia de revisão bibliográfica. A sublimação é vista não apenas como um meio de expressão, mas também como uma forma de organização do vazio, onde a arte se torna um espaço para lidar com a falta e o desejo. Através da análise das obras desses artistas, o texto ilustra como a criação artística pode servir como um reflexo das lutas internas e das experiências humanas universais, enfatizando o papel crucial da arte na compreensão e elaboração do sofrimento.

A pesquisa “*Criando o indizível: a escrita ficcional como uma possibilidade de sublimação*” (2022) teve como propósito investigar a escrita ficcional como uma forma de sublimação, um conceito central na psicanálise que se refere à transformação de impulsos e desejos em atividades socialmente aceitas e criativas. Esta pesquisa é de natureza qualitativa e possui um caráter exploratório, utilizando o método de revisão de literatura. Os resultados da pesquisa indicaram que a escrita não apenas permite a expressão de conteúdos inconscientes, mas também atua como uma via efetiva para a sublimação. Além disso, a pesquisa destaca que a prática da escrita pode gerar um espaço onde o autor pode confrontar suas

angústias e desejos reprimidos. Essa interação entre o autor e seu texto é fundamental para o processo criativo.

Por fim, no artigo "*Lispectador: Pulsão de morte como pulsão criativa em Um Sopro de Vida*" (2023), o autor teve como objetivo analisar a obra "Um Sopro de Vida" e explorar possíveis relações entre conceitos psicanalíticos, especialmente a pulsão de morte. A metodologia adotada foi uma investigação exploratória descritiva e bibliográfica. A conclusão sugere que a pulsão criativa pode estar relacionada à pulsão de morte, ressaltando as intersecções relevantes entre literatura e psicanálise.

4 O CONCEITO DE SUBLIMAÇÃO SOB A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

Para abordar os diversos temas tratados neste trabalho, torna-se fundamental introduzir o conceito de sublimação sob a ótica da psicanálise. Este conceito, como muitos outros na teoria psicanalítica, foi inicialmente desenvolvido por Sigmund Freud em sua obra "As Pulsões e Seus Destinos" (1915). Neste texto, Freud apresenta a teoria das pulsões, definindo como impulsos inconscientes que se manifestam como uma energia psíquica em busca de canais de expressão ou satisfação. (Freud, 1915). Contudo, a satisfação direta é frequentemente limitada por normas sociais, bloqueios pessoais e restrições morais, de forma com que acaba gerando conflitos internos consideráveis. Para lidar com essa dinâmica, Freud (1915) identifica quatro possíveis destinos das pulsões (Freud, 1915), sendo eles:

Reversão ao oposto: Este destino ocorre quando uma pulsão é transformada em seu oposto, manifestando algo contrário ao impulso original. Pelas palavras do autor:

A reversão diz respeito apenas às metas do instinto; substitui-se a meta ativa: atormentar, olhar, pela passiva: ser atormentado, ser olhado. A inversão do conteúdo se encontra apenas no caso da transformação de amor em ódio (FREUD, 1915, p. 65)

Retorno ao próprio Eu: Neste caso, a energia pulsional é redirecionada para o próprio Eu, podendo resultar em sentimento de culpa e punição, como Freud (1915) discorre:

A volta contra a própria pessoa nos é sugerida pela consideração de que o masoquismo, afinal, é um sadismo voltado contra o próprio Eu e o exibicionismo inclui a contemplação do próprio corpo. [...] O essencial no processo, portanto, é a mudança de objeto com a meta inalterada (FREUD, 1915, p. 65)

Recalque: O recalque funciona com o processo de repressão das pulsões, não possibilitando que os desejos ou outros conteúdos do inconsciente tornem-se conscientes. Como Freud (1915) bem define o funcionamento:

Um destino possível para um impulso instintual é encontrar resistências que buscam torná-lo inoperante. Em determinadas condições, que passaremos a examinar mais detidamente, ele chega ao estado da *repressão*. (FREUD, 1915, p. 83)

Sublimação: Neste destino, as pulsões ou os desejos que são recusados ou inaceitáveis, são redirecionados para atividades socialmente aceitáveis e culturalmente valorizadas.

Como bem definido por Campos, Bocchi e Loffredo (2021, p.216), a “definição básica e essencial de sublimação é de que se trata de um destino pulsional em que há transformação na meta de satisfação e no objeto do investimento libidinal de forma a permitir a satisfação da moção pulsional”.

Embora a sublimação tenha sido originalmente proposta por Freud, que introduziu o conceito, o autor não satisfaz a necessidade completa da elaboração, precisando ser ampliado de forma significativa por outros autores da psicanálise, que se dedicaram à exploração do conteúdo ao longo do tempo. Jean Laplanche (1992), por exemplo, destaca que a sublimação ultrapassa o âmbito do redirecionamento pulsional, desempenhando um papel essencial na constituição da subjetividade em relação ao coletivo. Para Laplanche (1992), a sublimação conecta o sujeito às dinâmicas culturais e artísticas, sendo um processo central na formação de identidades e na interação do indivíduo com o universo simbólico. Em outras palavras, a sublimação não apenas estrutura o sujeito, mas também transforma a cultura, funcionando como uma ponte entre o inconsciente e as produções simbólicas.

Por sua vez, Jacques Lacan (1959-60), em “A Ética da Psicanálise”, revisita o conceito, vinculando-o à linguagem e à constituição do sujeito. Lacan observa que a sublimação não é apenas um mecanismo de defesa, mas uma forma de elevar um objeto comum a um status sublime, funcionando como estratégia de aproximação ao real, aquilo que escapa à representação e que só pode ser tangenciado por meio da criação simbólica. Nesse sentido, a sublimação está diretamente ligada à linguagem e à arte, que buscam nomear ou expressar o que é, por natureza, inominável.

O exemplo da obra de James Joyce, analisado por Lacan em "O Sinthoma" (1975), é emblemático. Lacan sugere que a escrita de Joyce funciona como uma estratégia sublimatória: por meio de sua literatura, Joyce dá forma a conteúdos psíquicos que, de outra maneira, permaneceriam irreconhecíveis ou insuportáveis. A obra literária, nesse contexto, torna-se um testemunho da capacidade humana de lidar com os aspectos mais profundos inconsciente. Sob a perspectiva psicanalítica, a literatura surge como um espaço privilegiado para a sublimação. Produções artísticas, especialmente a literatura, permitem a expressão do inconsciente e oferecem um meio para elaborar tensões intrapsíquicas. Como afirma Teixeira (2005), a sublimação é uma ferramenta valiosa para interpretar obras culturais, revelando como estas traduzem, de forma simbólica, os conflitos e os desejos que habitam o sujeito.

A literatura, portanto, não é apenas um reflexo da psique, mas também um campo de transformação, onde o indizível encontra formas de ser dito. A relação entre sublimação e literatura ganha ainda mais profundidade quando conectada à ideia de transitoriedade. No texto "Sobre a Transitoriedade" (1943/1915), Freud discute a efemeridade da vida, narrando um diálogo com Lou Andreas-Salomé e um jovem poeta, Freud oferece uma visão distinta: para ele, a consciência da transitoriedade intensifica o valor do que é belo. O transitório não reduz a importância do que existe; ao contrário, é justamente sua finitude que o torna sublime.

Essa reflexão freudiana encontra eco na literatura de Clarice Lispector, especialmente em "Água Viva" (1973), quando a narradora reflete: "O melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas" (Lispector, 2020, p. 78). Assim como Freud reconhece a força do transitório, Lispector celebra o que está além do explícito, nas camadas invisíveis do texto, onde o indizível se manifesta. A literatura, como espaço de sublimação, transforma o passageiro em algo eterno, ressignificando a efemeridade. A ideia de que o transitório se torna sublime também ressoa na estética e na filosofia. T.S. Eliot (1943), poeta contemporâneo de Freud, que reflete em "Four Quartets" sobre a tensão entre o tempo e a eternidade, afirmando que "apenas pelo tempo o tempo é conquistado" (Eliot, 1943, p.19-21).

Essa perspectiva, compartilhada por Freud e Lispector, sugere que é na aceitação da transitoriedade que se encontra o impulso criativo. O que é efêmero

não se perde; pelo contrário, transforma-se em arte, em palavra, em algo que resiste ao tempo. Portanto, a sublimação, tanto na psicanálise quanto na literatura, revela-se como um processo dinâmico e essencial. Ela permite que o transitório seja ressignificado, que o indizível encontre expressão, e que o efêmero seja elevado à condição de sublime. A literatura, ao capturar o que está além das palavras, transforma o passageiro em eterno, estabelecendo um diálogo profundo entre o sujeito, a cultura e a arte. Dessa forma, a sublimação não apenas ilumina a relação entre o inconsciente e a criação, mas também celebra a potência da fragilidade e da transitoriedade como forças criadoras e transformadoras.

5 POSSÍVEIS DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE

“A literatura é mimese, é a arte que imita pela palavra”
[Aristóteles, século IV a.C.]

A palavra "literatura" tem sua origem no latim *littera*, significando "letra". De acordo com o dicionário Aurélio, esse termo remete à habilidade artística de expressar-se por meio da linguagem escrita. A literatura é, portanto, uma forma de arte que utiliza a linguagem para criar obras que exploram a imaginação e a criatividade. Para Nelly Novaes Coelho (1994), a literatura é mais do que um simples reflexo da realidade; ela é uma forma de arte que envolve um processo de criação, no qual o autor é capaz de criar um universo próprio, que não apenas imita a realidade, mas a transcende, permitindo o surgimento de novas significações e a exploração da fantasia. Isso se alinha com a ideia de que a literatura oferece não apenas uma representação do mundo, mas uma interpretação única e subjetiva dele.

Sob a ótica psicanalítica, a linguagem adquire uma dimensão ainda mais profunda. A linguagem não se limita à comunicação ou à troca de informações; ela desempenha um papel crucial na constituição do sujeito e na formação da subjetividade. Para Jacques Lacan (1964), a linguagem não é apenas um meio de transmitir ideias ou sentimentos, mas sim a estrutura fundamental pela qual o inconsciente se organiza. Lacan afirma: "O inconsciente é estruturado como uma linguagem" (Lacan, 1977, p. 25). A partir dessa perspectiva, a linguagem não é apenas uma ferramenta de expressão, mas o próprio tecido que forma nossa

experiência subjetiva, articulando nossos desejos, impulsos e conflitos internos. Dessa forma, a literatura, como uma forma de linguagem, se torna um terreno fértil para a manifestação dessas dinâmicas psíquicas.

Maurice Blanchot, em “O Espaço Literário” (1987), amplia essa compreensão ao afirmar que a literatura é um espaço onde o autor se distancia de si mesmo, permitindo que a obra transcenda sua individualidade e ganhe vida própria. Ele destaca que, no ato de escrever, o autor se confronta com uma experiência de vazio e de silêncio que redefine sua relação com a linguagem e com a realidade. Esse “espaço literário” é o lugar onde a linguagem deixa de ser um simples veículo de comunicação e se torna uma abertura para o infinito, criando um diálogo entre o visível e o invisível, o consciente e o inconsciente. Essa perspectiva reforça a ideia de que a criação literária está profundamente enraizada em dinâmicas psíquicas e subjetivas, indo além da mera representação.

A concepção lacaniana se torna especialmente relevante ao relacionarmos a linguagem escrita e a criação artística com as teorias de Sigmund Freud, particularmente em sua obra “Escritores Criativos e Devaneio” (1908/1996b). Nesse trabalho, Freud investiga como a linguagem desempenha um papel crucial na expressão de conteúdos psíquicos, principalmente em relação à criação literária. Ele propõe que o impulso criativo emerge do mesmo lugar que as fantasias inconscientes, ou seja, do desejo de realizar impulsos reprimidos e desejos infantis. Dessa forma, escritores ao desenvolverem suas obras, canalizam seus anseios em narrativas literárias e criam seu próprio mundo de fantasias.

O poeta faz algo semelhante a criança que brinca; ele cria um mundo de fantasia que leva a sério, ou seja, um mundo formado por grande mobilização afetiva, na medida em que se distingue rigidamente da realidade (FREUD, 1908, p.54)

Ao se dedicarem à escrita, os autores vão além de simplesmente contar histórias; eles empregam uma vasta rede de simbolismos, metáforas e fantasias. Freud (1910) em “Uma lembrança de infância de Leonardo Da Vinci”, explora o processo criativo do artista, principalmente o conceito de sublimação e o papel das experiências infantis na criação artística. Ele realiza a análise que os desejos infantis de Da Vinci foram redirecionados em atividades intelectuais e artísticas (Freud, 1910).

A sublimação, conceito central na psicanálise, desempenha um papel crucial nesse processo. Ao contrário de uma satisfação direta dos impulsos, a sublimação permite que os desejos sejam canalizados para atividades mais elevadas e socialmente valorizadas, como a arte, a ciência e a religião. No caso da literatura, o escritor utiliza a linguagem como uma forma de sublimar seus desejos e conflitos internos, transformando-os em arte. Como observa Carvalho (2006), o escritor não simplesmente expressa suas ideias ou emoções de maneira direta, mas cria um espaço simbólico onde suas experiências psíquicas são reelaboradas. A escrita se torna, assim, um jogo simbólico, no qual as fantasias e os "fantasmas" internos do autor são materializados e podem ser compartilhados com o leitor.

Esse processo simbólico de criação literária é fundamental, pois permite que o escritor, ao mesmo tempo que expressa sua subjetividade, se conecte com os outros. A obra literária se torna um meio de comunicação entre o autor e o leitor, permitindo que ambos compartilhem experiências emocionais e psíquicas profundas. Vieira e Lima (2019) afirmam que "a arte e a literatura criam recursos para que os seres humanos possam lidar com as condições impostas pela civilização e com o desamparo insuperável que abarca a esfera humana" (Vieira; Lima, 2019, p. 72). Ou seja, a literatura, enquanto forma artística, não é apenas um reflexo das tensões e desejos individuais, mas também uma ferramenta que possibilita ao ser humano lidar com o conflito psíquico e existencial, fornecendo formas simbólicas para o entendimento e a expressão do sofrimento, do desejo e da condição humana.

Neste estudo, a abordagem psicanalítica é aplicada como um instrumento essencial para a interpretação da literatura, permitindo uma compreensão mais profunda dos processos inconscientes que moldam a escrita. Através dessa perspectiva, a literatura deixa de ser apenas um campo de entretenimento ou de representação da realidade social, passando a ser vista como um espaço psíquico no qual as pulsões e os conflitos internos do autor são trabalhados e elaborados.

Isso se torna particularmente evidente na obra da escritora Clarice Lispector, cujas narrativas frequentemente exploram as complexidades da subjetividade feminina e os conflitos internos da personagem. A linguagem, em suas obras, não é apenas um meio de contar uma história, mas uma forma de expressão psíquica, na qual o que é dito e o que fica nas entrelinhas se entrelaçam, revelando a profundidade dos desejos e das tensões psíquicas da autora.

A literatura, então, sob a ótica psicanalítica, não é apenas um produto da imaginação criativa, mas também uma manifestação da psique humana, uma tentativa de dar forma àquilo que é inconsciente e, muitas vezes, inexplicável. Ao analisar as obras literárias a partir dessa perspectiva, podemos entender melhor o papel da escrita na criação de mundos simbólicos que possibilitam aos autores e aos leitores a elaboração e a compreensão de seus próprios fantasmas internos.

6 O (SOBRE)VIVER EM CLARICE LISPECTOR

A escrita, para muitos artistas, é vista como necessidade vital. A escritora Marguerite Duras expressou essa ideia quando disse: “*A solidão também quer dizer isso: ou a morte, ou o livro. Descobrir que só a escrita pode nos salvar*” (Duras, 2006, p. 25). A urgência da escrita, como Sylvia Plath afirmou “*Só escrevo porque há uma voz dentro de mim que não se cala*” (2011, p.12). Da mesma forma, Virginia Woolf utilizou a literatura para trabalhar suas dores e questões psíquicas, afirmando que “*minha melancolia diminui à medida que escrevo*” (Ferreira; Ferrari, 2017, p. 45).

A obra de Clarice Lispector (1920-1977), uma das autoras mais importantes do século XX no Brasil, nascida em 10 de dezembro de 1920, na Ucrânia, Clarice imigrou para o Brasil ainda criança. Embora tenha cursado Direito, foi na literatura que encontrou a expressão de seu maior desejo. Lispector é amplamente reconhecida por criar personagens complexos, que revelam seu íntimo de forma profunda e envolvente. Suas histórias frequentemente situam-se em cenários comuns, mas através de uma escrita que privilegia a dimensão psicológica e poética, ela transforma essas cenas em experiências profundas. Suas personagens frequentemente passam por epifanias, momentos de descoberta e reflexões. Além disso, em algumas de suas obras, é possível notar elementos de sua própria vida, embora sejam sutilmente explorados, adicionando aspectos autobiográficos que enriquecem o sentido da literatura.

Sua escrita é descrita como um estilo intimista, sendo definido como:

A Escrita Intimista pode ser definida em cinco traços característicos. Trata-se de um texto – prosa ou poesia –, onde coexistem a reflexão do eu-empírico, a reflexão do eu-poético, certa consciência do processo de autoconhecimento, consciência de sua busca por respostas e consciência da ausência de respostas. É um processo de escrita que permite ao eu um mergulho íntimo e esse movimento somente se realiza quando há a preocupação ontológica do eu. Em outras palavras, Escrita Intimista revela a preocupação do eu com o ser e o estar no mundo (Silva, 2010, p.2)

Seu estilo de escrita mostra-se especialmente provocativo de forma com que instiga a exploração e interpretação da relação do processo de sublimação e a literatura. Além de ter um estilo único que ultrapassa os limites técnicos das narrativas padrões impostas na literatura, o processo de escrita para Lispector iria além de um ato, mas sim, como uma necessidade, como ela mesma disse:

Minhas intuições se tornam mais claras ao esforço de transpô-las em palavras. É neste sentido, pois, que escrever me é uma necessidade. De um lado, porque escrever é um modo de não mentir o sentimento; de outro lado, escrevo pela incapacidade de entender, sem ser através do processo de escrever (Lispector, 1984, p. 34).

A relação entre a literatura e a psicanálise torna-se especialmente rica quando pensamos nas obras de Clarice Lispector. Em seus escritos, percebemos que o processo de escrever é, para ela, quase uma exploração da subjetividade, uma tentativa de estabelecer um diálogo consigo mesma.

No livro “Um Sopro de Vida”, explora a relação intrínseca entre a escrita e o inconsciente, evidenciada na citação em que uma de suas personagens afirma: *“Escrever é o mesmo processo que o ato de sonhar: vão se formando imagens, cores, atos, e sobretudo uma atmosfera de sonho que parece uma cor e não uma palavra”* (Lispector, 2020, p.79). Essa citação encapsula a essência da criação para a escritora, onde a linguagem literária transcende a lógica convencional e a escrita torna-se um meio para explorar a subjetividade humana (Fukelman, 2017).

Em “Água Viva”, sua protagonista, uma artista plástica que reflete sobre o processo de criação, o tempo e busca por sentido. Ao embarcar na aventura da experiência literária, a personagem afirma: *“Escrevo por acrobáticas e aéreas piruetas - escrevo por profundamente querer falar”* (Lispector, 2020, p.10). Essa citação revela como a escrita se torna um meio visceral de expressão, não apenas uma forma de comunicação, mas uma via de manifestação de suas emoções e pensamentos mais profundos. Em outro momento, a narradora admite: *“Escrevo-te porque não me entendo”* (Lispector, 2020, p. 23). O que ressalta a escrita como uma tentativa de nomear o que está além das palavras. Em busca por nomeação demonstra um desejo de compreensão e identidade.

Clarice Lispector explora ainda mais a relação entre inconsciente e criação ao afirmar, pela voz da protagonista: *“Minha essência é inconsciente de si própria e é por isso que cegamente me obedeço”* (Lispector, 2020, P.24). A escrita flui, impulsionada por algo que ela mesma não domina por completo, o que reforça a ideia de que o texto é guiado por um impulso de pensamentos. Em outro ponto, a personagem reflete: *“Nada existe de mais difícil do que entregar-se ao instante. Esta dificuldade é a dor humana. É nossa. Eu me*

entrego em palavras e me entrego quando pinto” (Lispector, 2020, P.40). Aqui, o duplo sentido da expressão “me entrego” é crucial: pode ser interpretado tanto como “me revelo”, indicando um processo de autoexpressão, quanto como “me deixo levar”, sugerindo uma rendição ao fluxo criativo e à experiência do momento presente

Ao longo do texto, a protagonista entrega-se a reflexões mais profundas, buscando um diálogo com o leitor. Essa via, por vezes, apresenta-se como um fluxo de palavras que tangencia o inesperado e o indizível. Como expressa *“Agora te escreverei tudo o que me vier à mente com o menor policiamento possível. E que me sinto atraída pelo desconhecido. Mas enquanto eu tiver a mim não estarei só”* (Lispector, 2020, p. 69). Há aqui um desejo de expressar-se por meio das palavras que simultaneamente, esbarra nos limites da linguagem.

Conforme as palavras fluem, a protagonista aparenta reconhecer o próprio paradoxo da escrita, ao nomear, limita o que deseja expressar. Ela confessa: *“Mas agora quero ver se consigo prender o que me aconteceu usando palavras. Ao usá-las estarei destruindo um pouco o que senti - mas é fatal”* (Lispector, 2020, p.73). Depara-se com o limite do significante, ou seja, a impossibilidade de traduzir plenamente a experiência em palavras. É nesse limiar, entre o dito e não dito, que o conceito de sublimação emerge.

No final do livro, a protagonista reflete sobre a intensidade e os mistérios da vida, relatando ao leitor:

eu não te disse que viver é apertado? Pois fui dormir e sonhei que te escrevia um largo majestoso e era mais verdade ainda do que te escrevo: era sem medo. Esqueci-me do que no sonho escrevi, tudo voltou para o nada, voltou para a Força do que existe e que se chama às vezes Deus. Tudo acaba mas o que te escrevo continua. O que é bom, muito bom. O melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas (Lispector, 2020, p.78).

Nesse trecho, a protagonista expõe o paradoxo da efemeridade e da permanência, daquilo que se esvai e do que resiste, mesmo em forma de ausência ou vestígio. Clarice Lispector, ao nos oferecer essa reflexão, convida-nos a pensar sobre a transitoriedade da vida, a fugacidade dos momentos e a potência do que não pode ser plenamente dito. Essa reflexão conecta-se profundamente ao texto “Sobre a Transitoriedade”, de Freud (1972/1915), onde o psicanalista narra uma conversa nas montanhas Dolomitas com um jovem poeta (possivelmente T.S. Eliot) e Lou Andreas-Salomé. Freud observa que, enquanto o poeta sofre diante da inevitabilidade da perda da beleza, como as flores, as paisagens e até os momentos mais sublimes que um dia desaparecerão, ele próprio reconhece na transitoriedade o que há de mais precioso. A efemeridade não diminui o valor do que é belo; ao

contrário, intensifica-o. É justamente porque tudo é transitório que a beleza se torna sublime.

Assim como Freud, Lispector parece argumentar que o transitório não é apenas uma limitação da existência, mas um motor de criação e significado. A vida, com suas pressões e brevidades, nos proporciona momentos que, embora destinados a passar, deixam marcas indeléveis, como o sonho esquecido que ainda ecoa ou como as entrelinhas que sustentam o não-dito. Essa força que ultrapassa o tempo encontra sua expressão na arte, na palavra poética que busca capturar, sem jamais esgotar, aquilo que é fugaz.

Clarice Lispector escreveu seu livro “Um Sopro de Vida” nos últimos anos de sua vida, entre 1974 e 1977, quando enfrentava problemas de saúde. Este período difícil refletiu em sua obra, que mistura aspectos autobiográficos e ficção.

Lispector constrói este livro alternando entre as vozes de dois personagens: o Autor e sua criação Ângela Pralini. Ao nomear seu protagonista de "Autor", Clarice Lispector enfatiza que a obra reflete, em parte, suas próprias inquietações e estabelece um diálogo com aspectos de sua identidade.³ A relação entre o Autor e Ângela Pralini pode ser vista como uma metáfora para a interação entre o consciente e o inconsciente, ou ainda para o processo de sublimação. Em determinado momento, o Autor expressa:

Angela se espalha em estilhaços brilhantes. Angela é a minha vertigem. Ângela é a minha reverberação, sendo emanção minha, ela é eu. Eu, o autor: o incógnito. É por coincidência que eu sou eu. Angela parece uma coisa íntima que se exteriorizou. Ângela não é um "personagem". É evolução de um sentimento. Ela é uma ideia encarnada no ser (Lispector, 2020, p.31).

Ao longo do texto, o Autor e Ângela se engajam em um diálogo profundo que expõe suas próprias inquietações. No início, Ângela surge apenas como parte da fantasia, mas aos poucos ganha vida, como um espelho que reflete as angústias e questões existenciais do Autor. O Autor, ao criar e dialogar com Ângela, procura dar forma ao que é indefinível através das palavras. A criação dela, parece ser para ele, um meio de acessar e nomear o que não se pode descrever diretamente, transformando-a em um suporte existencial e literário.

³ Clarice Lispector escreveu “Um sopro de vida” nos últimos anos de sua vida, enquanto enfrentava os desafios de uma grave doença. O tom introspectivo e visceral do texto é frequentemente associado ao estado de fragilidade física e emocional da autora durante o período de escrita (Moraes, 2013).

A relação entre o Autor e Ângela, de fato, reflete o processo de escrita que, segundo Miranda (2013), é movido pelo desejo de expressar o indizível e a impossibilidade de traduzir completamente o não dito. Essa luta constante se expressa no próprio diálogo entre os personagens, onde o Autor, em busca de sentido, confessa a Ângela *“Eu quero a tua verdade, Ângela! Apenas isto: a tua verdade que não consigo captar”* (Lispector, 2020, p.70). Esse desespero pelo saber e pela verdade parece também ser uma expressão da própria busca de Lispector pelo autoconhecimento e pelo sentido da vida, refletindo seu próprio processo criativo.

A personagem Ângela, por sua vez, expressa uma escrita espontânea, quase sonâmbula, como se fosse uma parte inconsciente do Autor emergindo à superfície: *“Eu sou o atrás do pensamento”* (Lispector, 2020, p. 77) e reflete: *“E acho certo encanto na liberdade das frases, sem ligar muito para uma aparente desconexão. As frases não têm interferência de tempo”* (Lispector, 2020, p. 77). Essa fluidez, próxima à técnica psicanalítica de associação livre, revela uma escrita caótica e impulsiva, marcada por conflitos e descobertas íntimas. O Autor reconhece este processo, observando que: *“Ângela vive atordoada em grande desordem. Se não fosse eu, Ângela não teria consciência”* (Lispector, 2020, p.91) e suplicando *“Fale, Ângela. Fale mesmo sem fazer sentido, fale para que eu não morra completamente”* (Lispector, 2020, p.42).

Essas passagens sugerem que Ângela é, de fato, um instrumento para que o Autor (e talvez, indiretamente, a própria Lispector) enfrente suas próprias questões existenciais. Como Homem (2001) afirma, “Uma autora [Lispector] cria um Autor que cria uma outra autora” (p. 167), sugerindo um ciclo de criação que é, ao mesmo tempo, um processo de autoconhecimento e sobrevivência. Assim, podemos interpretar o diálogo com Ângela como uma forma de sublimação, um meio de transformar conflitos internos em arte e, nesse sentido, uma tentativa de (sobre)viver (a)o que, de outra forma, poderia permanecer oculto ou incontrolável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi investigar a relação entre a psicanálise, particularmente o conceito de sublimação, e a literatura de Clarice Lispector, com foco no uso da escrita como ferramenta de expressão das experiências subjetivas e

da complexidade emocional. O percurso desenvolvido consistiu na análise das obras de Lispector, especialmente *Água Viva* e *Um Sopro de Vida*, destacando como a autora se utiliza da escrita para explorar seus conflitos internos, seus desejos reprimidos e a busca por autoconhecimento, transformando esses elementos em arte literária.

Ao longo do estudo, foram explorados conceitos fundamentais como a sublimação e a escrita intimista, com o intuito de compreender como Lispector, em consonância com outras escritoras como Duras, Plath e Woolf, utiliza a escrita como uma necessidade essencial e um meio de confrontar o inconsciente, a dor e a efemeridade da vida. Através de personagens complexas, a autora transforma a escrita em um espaço de expressão para aquilo que não pode ser facilmente dito, abordando o presente e a transitoriedade das experiências humanas. A sublimação, enquanto conceito psicanalítico, foi aqui entendida como o processo pelo qual os impulsos internos são convertidos em uma expressão cultural e artística que, simultaneamente, elabora e transcende o sofrimento.

O problema de pesquisa, que visava entender como o conceito de sublimação se manifesta na obra de Clarice Lispector, foi respondido por meio da análise de suas produções literárias, revelando que a autora transforma suas angústias, emoções e conflitos existenciais em literatura. A escrita, nesse contexto, surge como um processo de sublimação, no qual Lispector não apenas expressa o indizível, mas também busca compreender e dar sentido ao que é caótico e inconsciente. A utilização da escrita como meio para revelar as contradições internas e a incessante busca por uma verdade inalcançável foi um dos principais resultados desta pesquisa. Dessa forma, a escrita de Lispector se configura como um exemplo claro de sublimação, onde a dor, a angústia e a transitoriedade da vida são transformadas em uma arte literária que vai além da simples comunicação, elevando a experiência humana. Sua obra evidencia como o processo de sublimação pode ser entendido na prática literária, oferecendo uma reflexão profunda sobre a natureza do ser e do ato criador.

A partir dessas conclusões, novas linhas de pesquisa podem ser exploradas, como um estudo mais aprofundado sobre o papel da sublimação em outros autores contemporâneos ou ainda a análise da sublimação em diferentes manifestações artísticas, como na música ou no cinema. Seria também relevante investigar com

mais profundidade a relação entre a escrita e a psicanálise em outros contextos, observando o impacto da arte nos processos de subjetivação. Além disso, uma pesquisa comparativa entre as práticas de sublimação nas obras de Lispector e de outros escritores do século XX poderia revelar novas perspectivas sobre o conceito e sua influência na literatura moderna.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação da consciência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

BARRENHA, Taís Sobrinho. **"Escrever para não morrer"** - a poesia de Stela do Patrocínio: a literatura como dispositivo de resistência, cuidado e produção de subjetividade. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista, Assis, 2019.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

CAMPOS, Érico Bruno Viana. A concepção de sublimação no trabalho de Jean Laplanche. **Psicologia em Estudo**, v. 18, p. 465-474, 2013.

CAMPOS, Érico Bruno Viana. Destinos da sublimação no campo psicanalítico. In: CAMPOS, É. B. V.; BOCCHI, J. C.; LOFFREDO, A. M. (orgs.). **Psicanálise em face ao desamparo e seus destinos** [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2021. p. 213-243. ISBN 978-65-5714-056-7

CARVALHO, Ana Cecília. **A poética do suicídio em Sylvia Plath**. 2 ed. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2023.

CARVALHO, Ana Cecília. Limites da sublimação na criação literária. **Estudos de psicanálise**, v. 29, p. 15-24, 2006.

CASTIEL, Sissi. **Sublimação: clínica e metapsicologia**. São Paulo: Escuta, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura e linguagem**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DURAS, Marguerite. **Escrever**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2006.

ELIOT, T.S. **Four Quartets**. Nova Iorque: Harcourt, 1943.

FERREIRA, Maria de Fátima; FERRARI, Ilka Franco. A escrita e Virginia Woolf: vida e morte. **Tempo psicanalítico**, v. 49, n. 1, p. 80-97, 2017.

FUKELMAN, Clarisse. **"Um sopro de vida"**. 2017.

FREUD, Sigmund. **Escritores e devaneio**. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. IX, p. 141-153.

FREUD, Sigmund. **Sobre a transitoriedade**. Trad. J. Salomão. In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1972. (Original publicado em 1915).

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Originalmente publicado em 1900).

FREUD, Sigmund. **Pulsões e seus destinos**. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas de Sigmund Freud*. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 151-174. (Originalmente publicado em 1915).

HOMEM, Maria Lucia. **No limiar do silêncio e da letra: traços da autoria em Clarice Lispector**. São Paulo, 2011. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

KRISTEVA, Julia. **Sinais Impossíveis: A Interpretação de Textos Literários** (La Revolution du langage poétique, publicado em 1974).

MIRANDA, Ana Augusta Wanderley Rodrigues de. **O indizível em Clarice Lispector: uma leitura em interface com a psicanálise**. Vitória: EDUFES, 2013.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um ensaio-teórico?. **Revista de administração contemporânea**, v. 15, p. 320-332, 2011.

MORAES, Nádia Battella Gotlib. **Clarice, uma vida que se conta**. São Paulo: Edusp, 2013.

NUNES, Ana. Clarice Lispector: **A Escrita do Inconsciente**. Belo Horizonte: Editora ABC, 2015

SANTOS, Vanisa Maria da Gama Moret. Do sujeito d'efeito de linguagem ao efeito do poético: psicanálise e linguagem. **Trivium-Estudos Interdisciplinares**, v. 12, n. 2, p. 46-59, 2020.

SILVA, Jaqueline Fernandes da. A ESCRITA INTIMISTA E A POESIA DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO. **Revista Desassossego**, São Paulo, Brasil, v. 2, n. 4, p. 106–116, 2010.

RODRIGUES, Jhucyane Pires et al. Intersecção entre literatura e psicanálise: uma abordagem do conto “O delírio”, de Clarice Lispector. **A MARGem**, Uberlândia, v. 18, n. 2, 2021.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, p. 102-106, 2010.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud. **Psychê**, v. 9, n. 16, p. 115-132, 2005.

TOREZAN, Zeila Facci; BRITO, Fernando Aguiar. Sublimação: da construção ao resgate do conceito. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 15, p. 245-258, 2012.

LACAN, Jacques. **O estádio do espelho como formador da função do eu**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Originalmente publicado em 1953)

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 7: A ética da psicanálise** (1959-1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

LACAN, Jacques. **O Seminário: livro I, Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1964

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1977.

LACAN, Jacques. Joyce. **O Sinthoma**. In: Outros Escritos (1975). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LAPLANCHE, Jean. **Novos fundamentos para a psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. 1. ed. São Paulo: Rocco, 2020.

LISPECTOR, Clarice. **Encontros**: Clarice Lispector. 2011. p. 117.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. 1. ed. São Paulo: Rocco, 2020.

PLATH, Sylvia. **A redoma de vidro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WERNECK, Marcia Soares da Silveira; JORGE, Marco Antonio Coutinho. O objeto em causa na teoria lacaniana da sublimação. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 25, n. 4, p. 739-756, 2022.

VIEIRA, Leticia Lima; LIMA, Priscilla Melo Ribeiro de. Sublimação e a escrita criativa: aproximações com Virginia Woolf. **Jornal de Psicanálise**, v. 52, n. 97, p. 67-82, 2019.